

## O luto e a forma como as memórias dos que partiram continuam a impactar e dar significado às vidas dos que permanecem

Grief and the way memories of those who have passed continue to impact and give meaning to the lives of those who remain

El duelo y la forma en que los recuerdos de quienes se han ido siguen impactando y dando significado a las vidas de quienes permanecen

Despret, V. (2023). *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam* (Trad. H. Lancastre). N-1 Edições.

O livro aqui resenhado, “Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam”, da autora Vinciane Despret, foi originalmente publicado em francês, pela editora *Éditions La Découverte*, em 2021, com o título *Au bonheur des morts: Récits de ceux qui restent*. A versão em português foi traduzida e publicada pela editora N-1 Edições, em 2023.

\* Doutor em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua como Orientador Educacional e membro da equipe multiprofissional em Cuidados Paliativos no Instituto de Oncologia Pediátrica (IOP) do Grupo de Apoio à Criança e Adolescente com Câncer (GRAACC), Escola Móvel. CV: <http://lattes.cnpq.br/6597553654620573>

É uma obra que nos estimula a refletir sobre as relações entre vida e morte, memória e identidade. Por meio de uma prosa instigante e sensível, não apenas discute o ato de lembrar mas também propõe um diálogo profundo com as consequências da perda e a forma como os que permanecem lidam com a ausência dos que se foram, a partir do recurso a diferentes autores e obras.

Buscando evidenciar que os mortos permanecem presentes por meio das histórias que contamos sobre eles e destacar como as lembranças dos mortos são preservadas em narrativas coletivas, Despret dialoga com Halbwachs (2006), em *A memória coletiva*, que argumenta que a memória é construída socialmente e compartilhada em grupos. A partir da obra *Luto e melancolia*, de Freud (2010), a autora enfatiza como a perda de um ente querido envolve a elaboração de um vínculo contínuo com o falecido. Ao argumentar que os mortos continuam a existir por meio das histórias que contamos sobre eles, Despret se ampara em Derrida (2008), no texto *A escrita e a diferença*, sugerindo que a escrita permite que os ausentes permaneçam presentes.

O livro de Despret é organizado em várias narrativas que, juntas, criam um agrupamento de experiências individuais. A escrita é sensível e poética, permitindo que o leitor se aproxime das emoções retratadas, ao mesmo tempo que nos leva a pensar sobre nossas próprias vivências, mas de uma maneira bastante singular e inovadora. Em vez de focar exclusivamente os aspectos psicológicos ou clínicos do luto – como muitos estudos contemporâneos o fazem – ela propõe uma escuta ativa e filosófica sobre as formas como os mortos continuam presentes na vida dos vivos. O que faz deslocando o foco das categorias médicas ou religiosas convencionais para uma abordagem delicada, filosófica e relacional, que atualiza o modo como compreendemos a presença dos mortos na atualidade.

A tradução de Hortência Lancaster demonstra sutileza e cuidado, mantendo a profundidade do texto original de Despret. A linguagem apresenta uma fluidez que acompanha os movimentos do pensamento da autora, preservando a complexidade conceitual sem recorrer a termos excessivamente técnicos. A sensibilidade da tradução pode ser percebida, por exemplo, na maneira como são mantidas as pausas, as hesitações e os desvios da autora, marcas de um pensamento que se constrói à medida que se fala. Essa escolha permite que o leitor brasileiro acesse não apenas o conteúdo, mas também a atmosfera emocional e reflexiva da obra.

A profundidade do pensamento de Despret se manifesta em sua capacidade de entrelaçar relatos singulares com questões filosóficas amplas, como nos momentos em que escuta os mortos não como metáforas, mas como agentes relacionais, abrindo espaço para modos não convencionais de existência e vínculo. A autora é conhecida por sua abordagem interdisciplinar com formação em filosofia e psicologia. Atuando como professora associada da Universidade de Liège, ela percorre as áreas da antropologia, psicologia e filosofia, para explorar diferentes perspectivas sobre a morte. Essa interdisciplinaridade enriquece o discurso, permitindo ao leitor uma compreensão mais ampla dos fenômenos do luto e da memória, desafiando a visão tradicional que considera a morte como o fim definitivo da relação com o falecido. Com efeito, Despret argumenta que ao não se cuidar da memória dos mortos, eles

realmente "morrem de fato". Um caminho para lhes oferecer "mais existência", prolongando sua presença de forma ativa e significativa, é o cultivo de sua memória por meio de histórias, homenagens e lembranças. Ao serem lembrados, segundo a autora, eles tornam os vivos "fabricantes de narrativas", transformando o luto em um processo criativo e contínuo, permitindo que os mortos permaneçam presentes em suas vidas de maneira simbólica e afetiva, enriquecendo a experiência de memória e identidade.

"Um brinde aos mortos" utiliza uma narrativa que mistura elementos de pesquisa, anedotas pessoais e reflexões filosóficas para construir um mosaico de histórias que retratam o luto e a memória com uma intersecção entre teoria e experiência prática. A obra articula reflexões filosóficas sobre a morte e a memória (teoria) com relatos concretos de pessoas que encontraram formas singulares de manter viva a presença dos seus mortos (experiência prática). Um exemplo é o que podemos verificar no capítulo "naquilo que nos mantém juntos" (págs. 61 a 81), que explora como as relações entre vivos e mortos podem ser sustentadas por meio de gestos cotidianos e simbólicos. Aqui, a autora destaca que, ao mantermos os mortos vivos em nossas práticas e memórias, criamos um "agenciamento", uma rede de significados e ações que preservam a sua presença em nossas vidas.

Despret inicia sua reflexão a partir da premissa de que o luto não é um processo linear ou universal, por meio da crítica à visão convencional de que a sociedade ocidental tende a segmentar as fases do luto de maneira rígida. Ao propor que cada indivíduo tem seu próprio modo de lidar com a perda, ela apresenta uma série de relatos reais que mostram as diferentes maneiras pelas quais os sobreviventes mantêm viva a memória dos que partiram. A autora faz este exercício explorando tanto os rituais tradicionais como formas mais inventivas e pessoais de homenagem aos mortos, a exemplo do caso de Georges, uma das mais emblemáticas do livro. Georges era tio-avô da autora e faleceu quando ela ainda era jovem. Apesar disso, Despret sente com ele um elo intenso, como se sua ausência tivesse deixado marcas que atravessaram o tempo. Movida por esse vínculo silencioso, ela decide reconstruir sua trajetória, não com o intuito de reviver o que foi, mas de lhe oferecer uma nova forma de presença. Utilizando documentos, fragmentos de memórias familiares e, sobretudo, a força da narrativa, costura uma biografia que não pretende restituir a vida passada, mas reinscrever Georges em uma existência simbólica. Essa história expressa com precisão a proposta central do livro: os mortos não desaparecem por completo, continuando a agir, a afetar, a habitar as vidas daqueles que os lembram.

A autora também critica a tendência da antropologia ocidental de tratar as relações com os mortos como simbólicas ou metafóricas, em vez de reconhecê-las como relações reais e significativas, argumentando que, ao negligenciar essas relações, os vivos privam os mortos de sua continuidade e presença no mundo.

Um dos pontos altos da obra é a forma como ela trata o conceito de memória. Fundamentando-se em Deleuze (2006), propõe que a memória é criativa e as histórias que apresenta no seu livro permitem que os mortos entrem em novas composições existenciais. Ou seja, a memória não restaura o passado como ele foi, mas cria novos sentidos e novos vínculos. Neste sentido, a autora enfatiza a importância da memória para a construção da

identidade dos vivos. As histórias contadas pelos que ficaram não apenas homenageiam os mortos, mas também ajudam os sobreviventes a processarem sua dor e a encontrar sentido na perda. Um exemplo notável é a história do ator Patrick Chesnais que, após a morte de seu filho, escreveu cartas para ele como forma de manter um diálogo contínuo. Essa prática é compreendida por Despret como uma maneira de os vivos oferecerem "mais existência" aos mortos, proporcionando a estes uma continuidade de vivência em um "outro plano", por meio de lembranças, histórias e rituais que os mantêm presentes no cotidiano, nutrindo os vivos por aqueles que faleceram. O que constitui um elo vital que conecta os vivos ao mundo espiritual. Deste modo, o ato de lembrar se transforma em ato de resistência e de amor, promovendo uma forma de continuidade entre as gerações.

Despret aborda a coletividade do luto, ao investigar como as comunidades se reúnem para honrar os mortos, criando rituais que fortalecem os laços entre os que ficam. Essa dimensão comunitária é vista por ela como especialmente relevante, pois considera que o luto é muitas vezes compartilhado. Nesse contexto, os testemunhos, as narrativas e as histórias que circulam e são recontadas entre os membros da comunidade reforçam a memória coletiva e a continuidade dos laços entre os vivos e os mortos. Aspecto que leva a autora a se debruçar sobre as normas sociais que cercam o luto, especialmente no contexto ocidental/contemporâneo, e a questionar tabus e estigmas que frequentemente envolvem a morte e o sofrimento, ao ocultar ou apressar o processo de lamento. Essa crítica se torna um convite à empatia e à reflexão sobre como podemos ser mais solidários com aqueles que estão enfrentando a dor da perda.

A intersecção entre a vida e a morte é outro tema central na obra, na medida em que Despret sugere que a morte não deve ser vista como um fim, mas como uma transformação. Ao invés de encarar a morte como algo a ser temido, sugere que devemos reconhecê-la como parte inevitável da vida, algo que pode nos ensinar a valorizar ainda mais nossos relacionamentos e experiências. Essa mudança de perspectiva é uma das contribuições mais enriquecedoras do livro, pois nos convida a apreciar o presente e a reconhecer a fragilidade da vida.

A ampla gama de histórias e reflexões presentes no livro pode, em alguns momentos, dar a sensação de dispersão. Contudo, essa diversidade também é uma das suas forças, pois oferece um rico entrelaçamento de experiências humanas que ilustram as complexidades do luto e o aborda não apenas como um processo psicológico, mas também como uma construção social, em que as memórias e histórias dos que partiram desempenham papel fundamental na vida dos que ficam. Dois exemplos podem ser dados nesse sentido. Primeiro, por meio do caso de David Van Ronk, guitarrista folk nova-iorquino que, anos após a morte do bluesman Gary Davis, sonhou que este lhe ensinava um riff que ele tentava aprender há muito tempo. Despret utiliza esse relato para discutir como os mortos podem continuar a ensinar e a influenciar os vivos de maneiras inesperadas. O segundo é o caso de Georges, o tio-avô, cuja biografia é reconstituída por ela como uma forma de "transmissão" e de realização de uma "passagem", mantendo viva a memória e a influência dos que partiram.

Ao reunir relatos de pessoas que mantêm vínculos com seus mortos por meio de cartas, sonhos, conversas e pequenos rituais cotidianos, Despret demonstra que o luto pode

ser vivido como forma de presença e não apenas ausência. O conceito por ela utilizado de "dar mais existência aos mortos" sugere que, ao lembrá-los, falar sobre eles e contar suas histórias, os vivos mantêm esses laços ativos, transformando a memória em uma forma de convivência. Essa abordagem rompe com a ideia tradicional de que o luto deve ser superado, propondo em seu lugar uma escuta sensível e respeitosa das maneiras singulares com que cada pessoa lida com a perda. Com efeito, a obra oferece consolo, empatia e um novo vocabulário para tratar da ausência, permitindo que os vivos encontrem sentido, continuidade e até alegria na relação com os que se foram. O livro, pois, nos auxilia a transformar o modo como entendemos a morte e, sobretudo, o que fazemos com ela.

Essa perspectiva amplia a compreensão do luto, mostrando que ele pode ser uma experiência rica em significados e não apenas um período de dor. Podemos concluir que "Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam" é uma obra poderosa que oferece uma nova perspectiva sobre o luto, ao transformá-lo em um espaço de diálogo, presença e até celebração. O que a torna uma leitura transformadora e profundamente humana. É em torno das diversas formas de lidar com a perda que a autora propõe um "brinde" às histórias que permanecem e ao legado deixado por aqueles que já se foram como gesto de homenagem, reconhecimento e convivência afetiva, transformando a morte em um momento não apenas de luto, mas também de celebração e presença simbólica. Já a expressão "histórias daqueles que ficam" destaca que o livro se dedica a dar voz e visibilidade aos vivos – familiares, amigos e comunidades –, que carregam a memória dos mortos e mantêm seus vínculos ativos. O título, portanto, encapsula a ideia de que a morte não encerra a relação, mas abre espaço para novas formas de existência compartilhada entre vivos e mortos.

Em síntese, o livro é uma obra que transcende o mero tratamento do luto e se transforma em uma celebração da vida e das memórias.

## Referências Bibliográficas

Deleuze, G. (2006). *Diferença e Repetição*. Graal.

Derrida, J. (2008). *A escrita e a diferença*. Perspectiva.

Despret, V. (2023). *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam* (Trad. H. Lancastre). N-1 Edições.

Freud, S. (2010). *Luto e melancolia*. Companhia das Letras.

Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. Centauro.

*Submetido em 29 de novembro de 2024*

*Aprovado em 3 de maio de 2025*